



necessária, para salvaguardar a transcendência de Deus, bem como a dignidade do ser humano e a dimensão do sublime na beleza da criação. Constatamos com pesar que a profecia está em falta, principalmente ali onde sua voz se faz mais necessária: no mundo pretensamente cristão do Atlântico Norte hoje!

A vida e a obra de Merton podem ser uma grande contribuição ao atual diálogo judaico-cristão, com vistas à paz entre os povos e à salvaguarda de nosso Planeta, morada de Deus e dos humanos (*shekiná*).

Endereço do Autor:

Cx 50142 – Pontal do Sul
83255-000 Pontal do Paraná, PR
E-mail: gabertelli@yahoo.com



Resumo: Esses são três temas profundamente relacionados na atualidade dos grandes centros urbanos brasileiros. O primeiro resulta da migração em massa das cidades do interior para as grandes cidades, mudando completamente o perfil da ocupação territorial em apenas meio século. O segundo refere-se ao conjunto de mudanças geradas por aquele fato, associado aos conflitos culturais provocados pela passagem da modernidade para a pós-modernidade, com reflexos na vida familiar, na economia, nas relações de trabalho e na religião. O terceiro é o resultado objetivo dessas transformações para as igrejas, as demais religiões e o chamado à convivência.

Abstract: These three subjects have deeply relation, specially in the great urban centers of Brazilian actuality. The first result of migration waves from small cities to downtown, changing radically the conditions of territorial occupation in only 50 years. The second refers to the changes generated by that fact, associated to cultural conflicts provoked by the passage from modern to postmodern times, with impacts in family life, in economy, in social relations and in religion. The third is an objective result of these transformations regarding the churches, the religions and the call to friendship.

Mobilidade religiosa, pluralismo e diálogo inter-religioso

*Antonio Carlos Ribeiro**

* Teólogo luterano, ex-secretário do Conselho de Igrejas Cristãs do Estado do Rio de Janeiro (CONIC-Rio) e Doutorando em Teologia (PUC-Rio). Cur. Vitae: <http://lattes.cnpq.br/5999603915184645>.



As tradições religiosas são fragmentos inacabados e contingentes, em permanente caminho de aperfeiçoamento e abertura. Elas compartilham a experiência de uma interdependência que evita o risco de insulamento e auto-suficiência, compondo a beleza de uma sinfonia que sempre se dilata.

Christian Duquoc¹

O crescimento das grandes cidades está associado ao desenvolvimento regional como resposta ao papel que resultou da negociação, iniciada com a chegada da Corte Portuguesa e aprofundada nos reinados, com as elites rurais, os coronéis, o clero, os políticos e os intelectuais (jornalistas e artistas). O modelo econômico e as cidades que temos resultam dessa confluência de forças. Esse modelo sócio-político-econômico-administrativo conseguiu resistir com apoio das elites, sofrendo reações, resistências e movimentos (militares, de trabalhadores e estudantes).

A força política do campo manteve-se firme no século XIX e em grande parte do século XX, enquanto acompanhou os ciclos, as formas de fazer política, com bases nas oligarquias locais nos Estados, e sua força de representação no Império e na República. A mudança começa a se dar na segunda metade do século XX, com o avanço da atividade industrial, concomitante à diminuição da atividade agro-pecuária, com efeitos diretos na economia, e surtos de desenvolvimento econômico. Os efeitos vão se mostrar, entre outros, num êxodo do interior para as cidades. Nem mesmo o avanço colonizador do noroeste e norte do país, durante os governos militares, o chamado milagre brasileiro, deteve esse processo.

Ao mesmo tempo, o país sofreu significativa mudança na urbanização, que experimentou uma forte aceleração nas últimas quatro décadas do século XX (tabela 1). Em 1960, o país tinha uma população de 71 milhões de habitantes, da qual 45,08% viviam nas cidades, em relação a 54,92% que residiam na área rural. Nessa mesma década começou uma inversão, cuja curva se acentuou a cada novo decênio. Em 1970, 55,94% da população já eram urbanos; em 1980, 67,59%; em 1991, 75,59%; chegando ao ano 2000, com 170 milhões de brasileiros, dos quais 81,25% habitam as cidades, restando apenas 18,75% para as áreas pré-urbanas².

¹ DOCQUOC, Christian. *L'Unique Christ. La symphonie différée*. Paris: Cerf, 2002, p. 122, 129, 239-40.

² SOUZA, L. A. G. Os desafios urbanos para a Igreja na atualidade. *Revista Eclesiástica Brasileira*, (253): 150, jan. 2004.



Tabela 1 – Crescimento das cidades brasileiras (1960-2000)

Período/ Hab %	População urbana	População rural
1960	45,08	54,92
1970	55,94	44,06
1980	67,59	32,41
1990	75,59	24,41
2000	81,25	18,75

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Um fenômeno que acompanhou a mudança do ambiente pré-urbano para o urbano foi o crescimento vertiginoso das chamadas megacidades³. A partir de 1990 já existiam 14 municípios brasileiros com população superior a um milhão de habitantes. O município de São Paulo passou de cerca de seis milhões em 1970 para 10,43 milhões em 2000, sem considerar a grande área metropolitana que o circunda. Os municípios do Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Salvador (BA) e Porto Alegre (RS) passaram de 4,25 milhões, 1,23 milhão, um milhão e 885 mil habitantes em 1970, respectivamente, para 5,87 milhões, 2,23 milhões, 2,43 milhões e 1,36 milhão em 2000⁴, de acordo com o Censo Demográfico, quando a população brasileira era de 169.799.170, da qual 137.953.959 habitava em área urbana, e 31.845.211⁵ em área rural. Com a atual estimativa do IBGE em 189.914.613 habitantes, esses números sobem para 10,88 milhões (São Paulo), 6,09 milhões (Rio de Janeiro), 2,41 milhões (Belo Horizonte), 2,89 milhões (Salvador) e 1,42 milhão (Porto Alegre).

Essa nova configuração acontece de forma historicamente tão rápida, com os números adquirindo tão grande significado no mundo do trabalho, da economia e da estrutura social brasileira e com tal impacto na estrutura da vida familiar, que alterou definitivamente as condições em que o mundo pré-urbano estava estabelecido. A sociedade brasileira em geral não teve como ficar alheia a esta realidade.

³ Também chamadas metrópoles, megalópoles e ecumenópoles.

⁴ SOUZA, L. A. G. *Op. cit.*

⁵ Os gráficos e tabela abaixo são oriundos de IBGE. Tendências Demográficas 1940-2000, em 09.10.2007 (http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf), p. 2, 4, 5, 37 e 40.

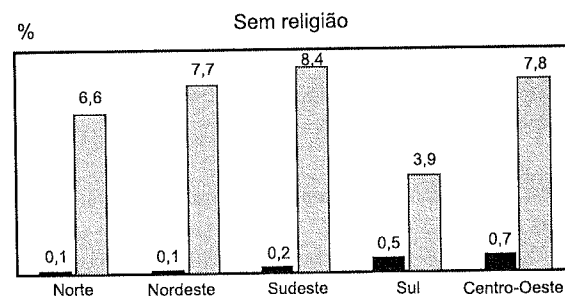
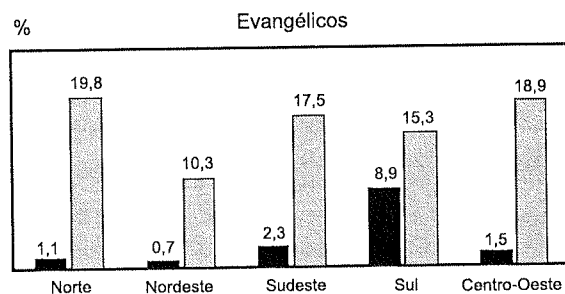
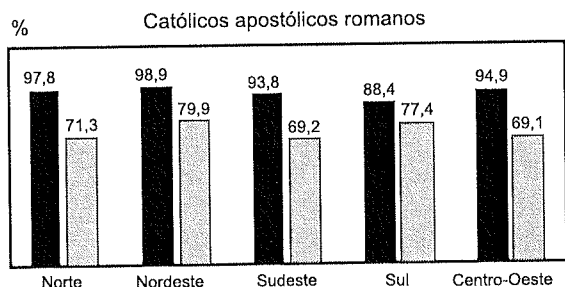
Tabela 2 – Crescimento das grandes capitais (1970-2000-2007)

Capitais / Hab.	1970	2000	2007
São Paulo	6 milhões	10,43 milhões	10,88 milhões
Rio de Janeiro	4,25 milhões	5,87 milhões	6,09 milhões
Belo Horizonte	1,23 milhão	2,23 milhões	2,41 milhões
Salvador	1 milhão	2,43 milhões	2,89 milhões
Porto Alegre	885 mil	1,36 milhão	1,42 milhão

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e Estimativas.

Vejam a proporção população/religião por regiões brasileiras entre 1940 e 2000 no gráfico.

Proporção de população, por religião, segundo as Grandes Regiões – 1940/2000



■ 1940 □ 2000 Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1940/2000.

Algumas conclusões saltam aos olhos. A população católico-romana decresceu, em níveis pequenos, em todas as regiões do país. Ao mesmo tempo, a população evangélica, incluídos os pentecostais e, nos últimos 30 anos, os neo-pentecostais, cresceu em números correspondentes. Isso indica a mobilidade religiosa, cujo ponto de impacto são os centros urbanos, com irradiações para todo o país. Mas o fato que desperta mais atenção é o crescimento silencioso e contínuo dos que se dizem *sem religião*, especialmente quando comparados aos percentuais das últimas seis décadas. Se essa situação sempre existiu, embora nunca fosse assumida, esse fato torna-se relevante. Muito provavelmente, as pessoas que tinham religiosidade sincrética sempre temeram mostrar sua real situação. Agora já a assumem.

Esses dados podem esconder uma situação inusitada e surpreendente. É possível que estejamos passando do dilema católicos e/ou evangélicos para o dilema cristãos e/ou não-cristãos, ou ainda religiosos e/ou não-religiosos.

Diálogo ou desespero?

A pergunta verdadeira, anterior a esta, é: somos capazes de defrontar-nos com nosso presente e refletir sobre a fé cristã e sobre o diálogo com outras religiões, ou queremos apenas nos ufanar com as *conquistas* da nossa igreja, ou do cristianismo, e usar o proselitismo para transformar cristãos em cristãos? Perder a possibilidade de dialogar e partir para a disputa de força é já uma perda, na sociedade pluralista do século XXI. A simples pretensão de auto-afirmação e de conquista reflete o raciocínio da passagem da pré-modernidade para a modernidade, observou Carlos Palácio⁶.

Diante da necessidade de as igrejas adotarem postura plural no anúncio do evangelho e do diálogo, o teólogo suíço Hans Küng observou que “as opções são claras: ou a rivalidade entre as religiões, o choque de culturas, a guerra das nações, ou o diálogo das religiões, como condição para a paz entre as nações!”⁷ Significa dizer que, se o cristianismo,

⁶ PALÁCIO, Carlos. Novos paradigmas ou fim de uma era teológica? ANJOS, Márcio Fabri dos (org). *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/Loyola, 1997, p. 77-97.

⁷ KÜNG, Hans. O islamismo: rupturas históricas – desafios hodiernos. *Concilium*, 313 (5): 104, 2005.



assim como as demais religiões, quiserem ser fiéis às suas afirmações mais basilares, vão desenvolver o respeito aos diferentes e valorizar a manifestação religiosa como riqueza e diversidade. Pluralismo é admitir a divergência sem sentir-se ameaçado ou acuado. Ou sem sentir-se escarmentado, sendo dispensado de uma falsa tolerância, como ensinou Claude Geffré⁸.

A possibilidade que se coloca é que religiões e as teologias adotem uma postura pluralista e aceitem o convite para acender a chama de um *novo mundo possível*, caracterizado pela hospitalidade, a delicadeza e a cortesia. Desde a modernidade já havia sinais claros de que discursos auto-afirmativos, posturas fechadas e fundamentalismos atraem pouco a atenção. Diante dessa situação é de pouco proveito re-elaborar o discurso, se o conteúdo estiver determinante. E pior, for o mesmo. Significa dizer que a luta travada neste momento pela maior parte das igrejas para anunciar sua mensagem não diz respeito à salvação, nem é de natureza doutrinal e nem está sendo rejeitada por causa de suas afirmações morais. Apenas não é plural, e por isso a sociedade não se anima ao diálogo. Mesmo que o discurso seja apologético, fluente de citações bíblicas e em nome das vítimas da salvação não-anunciada e contra a apatia, tem resultado.

A marca da expectativa das pessoas neste início de século é a liberdade, sem pressões e nem exigências. “O pluralismo é resultado de uma evolução natural, cultural e histórica, portanto não pode ser considerado um fenômeno degenerativo de uma suposta unidade primordial. Por causa de sua multidirecionalidade, essa evolução é ambivalente e deve ser acompanhada criticamente”⁹. Mudaram-se as condições dos últimos séculos, em que a pré-modernidade foi cândida e graciosamente acolhida na modernidade. Com o elemento da cultura, a pós-modernidade estabeleceu uma ruptura com um modelo e abriu possibilidades. “O pluralismo religioso-cultural permite a construção de identidades religiosas múltiplas, inclusive dentro das igrejas. Ditas identidades não estão demarcadas por muros que separam, senão por arbustos que

⁸ GEFFRÉ, Claude. *La verdad del cristianismo en la era del pluralismo religioso. Seleccion de Teología*, 37 (146): 138, abr-jun, 1998.

⁹ SUESS, Paul. Pluralismo y misión; por una hermenéutica de la alteridad. In: VIGIL, José María; TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo (orgs). *Por los muchos caminos de Dios IV*. Quito: ASETT, Abya Ayala, 2006, p. 71.



permitem comunicação e intercâmbios entre os espaços que dinâmica e historicamente delimitam”¹⁰.

Parte significativa deste avanço resulta de uma conquista teológica: a afirmação clara da trindade como comunhão. Este avanço, que tem encontrado eco na vida das comunidades, de fato recuperou a ação do Espírito, rompeu a solidão doutrinal do Pai e do Filho, e aprofundou o sentido da comunhão relacional. Ao romper com o uno solitário, “a Trindade, em troca, nos diz que o Mistério divino é relação na qual se encontram também o Homem e o Cosmo – no que tem sido chamado intuição *cosmoteândrica*”¹¹.

Destaque-se que não é uma rejeição ao discurso religioso e nem um conflito a ser resolvido, apenas uma audição crítica. As pessoas reagem, relutando em admitir o parâmetro de debate, crivam a audição com suas exigências e ignoram o discurso, caso não tenha nada a lhes dizer. “Não esqueçamos que na trindade, como na experiência cosmoteândrica, não há nenhum trio fora de nossa abstração mental – como já disse Agostinho quando laconicamente escreveu que na Trindade *qui incipit numerare incipit errare* (quem começa a numerar começa a errar)... A Trindade, repito, nos revela que Deus é pura relação – pois do contrário seria tri-teísmo”¹².

O principal efeito da desatenção das igrejas, especialmente as históricas por julgarem ter um público fiel e cativo, é a perda de fiéis, a mobilidade para outras igrejas e a criação de comunidades religiosas. Nesse ambiente plural já começaram a surgir, a partir mesmo do pluralismo que inunda a sociedade e a cultura, novas expressões de relações religiosas e afetivas:

1. Existência, no mesmo espaço, de várias religiões, sínteses institucionais oferecidas para a adesão de fiéis potenciais (...); 2. Multiplicidade de grupos no interior de cada uma destas instituições, em função do caráter seletivo de adesão de cada um a uma família espiritual por mediação de verdadeiras comunidades emotivas (...) que, inscritas num espaço institucional de uma Igreja ou tradição organizada, nunca se confundem com ela; 3. Fora das instituições – e muitas vezes em oposição a elas

¹⁰ *Ibidem*, p 72.

¹¹ PANIKKAR, Raimon. *La intuición cosmoteândrica*. Madrid: Trotta, 1999.

¹² PANIKKAR, Raimon. *La interpelación del pluralismo religioso; Teología católica del III milênio*. In: VIGIL, 2006 p. 161.



– existem ao mesmo tempo comunidades efetivas ou intencionais, que permitem aos indivíduos se reunirem num espaço social minimamente definido, traços por eles livremente escolhidos a partir de diversas tradições (...) e de realizar com esta base uma experiência em comum; 4. E também, talvez mais radicalmente – pluralidade, no interior de qualquer destes grupos, das modalidades do próprio ato, ou processo, de participação, que tende a-sintoticamente em direção a uma construção individual, bricolage permanentemente considerado como provisional, em função de uma relativização, tanto da verdade do objeto de crença ou do princípio ético que dele resulta, quanto do caráter acabado ou sintético da construção”¹³.

Da necessidade de confiar para conviver

Um livro lançado recentemente pelo teólogo reformado Rudolf von Sinner¹⁴, professor de teologia ecumênica na Escola Superior de Teologia, enfatiza o aspecto *convivência*, a partir de uma ótica diferente da do seu compatriota Hans Küng. Trata-se de pensar na confiança como necessária para firmar relações de convivência dos povos, das religiões e das igrejas.

Essa confiança é uma necessidade nas sociedades latino-americanas, das situações do dia-a-dia à confiabilidade das instituições. O abalo vem do fato de a igualdade ainda ser uma necessidade sentida frente ao poder das classes ricas de proteger seus interesses, ou mesmo do sentimento de superioridade cultural de que alguns grupos se julgam portadores, fragilizando a confiança. As sociedades que avançam são as que pautam a convivência na confiança, nas quais o cidadão tem segurança de que os direitos serão protegidos.

O autor analisa os aspectos dessas relações com senso pastoral, lembrando os imperativos éticos dos evangelhos, relacionando a ética mínima e a exigência maior, e enfatizando que confiança é dádiva, exige convicção e mostra sinais quando o leitor e o texto se interpretam mutuamente. Leitura da bíblia e das pessoas supõe a confiança que propicia

¹³ SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HORNAERT, E. (org.). *História da Igreja na América Latina e no Caribe – 1945-1995*; debate metodológico. Petrópolis: Cehila, Vozes, 1995, p. 93.

¹⁴ SINNER, Rudolf von. *Confiança e convivência*; reflexões éticas e ecumênicas. São Leopoldo: Sinodal, 2007. 152p.



a convivência, enquanto a coerção, exercida em nome da fé, da pureza e da comunhão, fere a confiança. Assim se aprende que o Espírito fala em meio às diferenças doutrinárias.

O primeiro paradigma é abordado a partir da obra *A Trindade, a sociedade e a libertação*¹⁵, de Leonardo Boff, que aborda o tema tendo como pano de fundo o conjunto da realidade brasileira e a estrutura eclesial. A primeira lembra a ditadura, marcada pela distensão lenta, gradual e segura do regime militar, e a segunda, certa euforia revisionista do Concílio Vaticano II. Esse período registra a coincidência da diminuição da repressão política e os conflitos teológico-pastorais, as perspectivas popular e ecumênica. O que von Sinner conseguiu perceber e observar é um resultado imprevisto: a união de católicos e evangélicos na mística e na resistência política. Ele relacionou fatos, momentos e instituições da vida civil e religiosa – os que legitimaram as instituições e os que exerceram papel fundamental na luta pela superação – em meio a níveis alarmantes de miséria, que fizeram a América Latina permanecer à margem da história ocidental, segundo Hobsbawn.

A virtude do trabalho teológico de Boff foi a elaboração de conceitos teológicos da Trindade a partir de uma perspectiva social e cósmica, vendo-a como um programa social, sem disputas acirradas, e apresentando-a em contraposição à perspectiva monárquica da religião e da política na AL. Descrita como colonial e feudal (religião de um só Pai), na qual o militante passa a ver Jesus como irmão, chefe e mestre (religião só do Filho) e, com subjetividade, criatividade e interioridade em extremo, podendo chegar ao fanatismo e anarquismo (religião só do Espírito), a AL ofereceu o pano de fundo no qual a Trindade tornou-se modelo a criticar os modelos eclesiais e protótipo da comunidade humana sonhada pelos que querem melhorar a sociedade.

A *perichóresis* ajuda a entender o amor recíproco entre as pessoas da Trindade e a diferença de sua individualidade, possibilitando igual movimento aos seres humanos. A relação Trindade, igreja e sociedade civil mostra como a sociedade civil e a religiosa podem ser influenciadas. A ênfase recai sobre a maior igualdade possível entre as pessoas e a geração de processos mais abrangentes de participa-

¹⁵ BOFF, Leonardo. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 296p.



ção, acentuando o respeito à alteridade, a participação, a confiança e a coerência.

Da Teologia da Libertação à Teologia Pública

A proposta da Teologia Pública, na esteira da Teologia da Libertação, enfatiza esse caráter da fé cristã. Segundo David Tracy, aos públicos teológicos clássicos (sociedade, academia e igreja) juntaram-se outros, como a economia e a mídia, razão pela qual ela escolheu o espaço público para exercer sua tarefa. A Teologia da Cidadania neste continente atendeu pelo nome de Teologia da Libertação (TL), teve como precursores Richard Shaull e Rubem Alves, e ganhou fundamentação teórica e densidade – eclesial e política – com teólogos como Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Clodovis Boff e Juan Luís Segundo.

Uma das conquistas foi colocar a *teologia em movimento*, criando a base para uma significativa consciência do caráter contextual geral da teologia e, em primeiro plano, a teologia proveniente da margem e movimentos similares – teologias do Terceiro Mundo – na Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASETT), que têm contribuído para a descolonização teológica. A TL congregou as teologias negra e feminista, pluralizou o conceito de libertação e garantiu um estatuto ontológico, situado histórica, pessoal e bibliograficamente. Partiu da opção preferencial pelos pobres, assumida pelas assembleias do episcopado latino-americano em Medellín e Puebla, e, segundo Comblin, tornou-se o melhor da história da Igreja na América Latina nos últimos 30 anos. Inseriu-se no meio dos pobres, participando diretamente em seu dia-a-dia, em meio a grandes lutas para poder viver humanamente, apesar de tudo.

A TL criou a base para a Teologia Pública na década de 80 e parece ter sobrevivido à queda do muro de Berlim (1989), já que ainda é criticada por autoridades das Igrejas; tem teólogos e teólogas de expressão em pastorais, assessorias, docência e publicações; mantém ininterruptos os Encontros intereclesiais de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs); e criou relações com as Teologias do Pluralismo Religioso (TPR) e GLBT.

A crítica destaca o silêncio diante da atualidade. Tem-se mostrado deficiente e com pouca intervenção ao enfrentar indigência, criminali-



dade, corrupção e política clientelista. Precisa atualizar o discurso, com propostas para o direito e o espaço público, com vistas a uma cidadania ativa e emancipada numa sociedade que, mesmo com os avanços, ainda convive com estupendos retrocessos. Diante da impossibilidade de conter o êxodo rural, lembra Comblin, a TL deveria adotar a cidadania como tema. Esse esforço pode ajudar a abordar questões contemporâneas, confirmar seu lugar na universidade e estabelecer relações com as comunidades científica, religiosa e política, sem perder de vista os pobres, que são as não-pessoas, os 'in-significantes', os que não contam, nem para o resto da sociedade, nem, 'frequentemente demais', para as igrejas cristãs, como disse Gutiérrez.

Ecumenismo, convivência e cuidado mútuo

O autor enfatizou que a proposta do luterano francês Oscar Cullmann, de católicos levantarem uma oferta para protestantes pobres e vice-versa, assemelha-se ao acordo entre Paulo e Pedro, que possibilitou a missão aos gentios no 1º século, além do atendimento aos pobres. Observou a intenção, que era pôr fim à desconfiança mútua, lembrando que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) realizou junto com o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) uma Campanha da Fraternidade conjunta, possibilitando o sonho ecumênico, criando um ambiente de confiança e convivência, e atenuando a concorrência, os anátemas e o ecumenismo institucionalmente balizado. Os esforços para articulação de uma voz única das igrejas sempre enfrentaram dificuldades, apesar dos grandes esforços. Até mesmo nas decisões das assembleias do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), pelas iniciativas pela paz, na campanha de solidariedade com as mulheres e na proposta da Nova Década de Superação da Violência.

Com uma *Hermenêutica ecumênica*, von Sinner busca as razões do malogro das propostas, a partir dos documentos trazidos pela Comissão Fé e Ordem e pelas assembleias do CMI, tratando de busca de consensos, metodologia e hermenêutica ecumênicas, intercontextualidade e linguagem comum. Um dos resultados desse esforço foi o documento *Um tesouro em vasos de argila*, propondo uma ética a partir da compreensão do evangelho e do contexto atual.



Para discutir a noção de *espaço hermenêutico*, como aquele em que as igrejas se encontram e dialogam sobre a interpretação e recepção dos seus textos, símbolos e práticas, elaborando hermenêuticas da coerência, da confiança e da suspeita, ele escolheu dois teólogos católicos: o brasileiro Leonardo Boff e o espanhol Raimon Panikkar. O primeiro por trabalhar a imagem trinitário-comunitária de Deus, apresentando um modelo relacional das pessoas da Trindade que denuncia a estrutura autoritária da sociedade brasileira e o poder religioso hierarquizado da igreja católica, propondo uma ação no mundo. O segundo desenvolveu uma teologia a partir do encontro da Índia com o ocidente, denunciou que o ecumenismo não pode ser apenas intracristão, mas deve estabelecer diálogo com outras religiões, explicando que nenhuma religião pode oferecer sozinha soluções de validade universal para os problemas humanos. E, por enfatizar a confiança cósmica e a abertura fundamental como essenciais ao diálogo.

O diálogo inter-religioso surge como necessidade para as religiões, após a tentativa de dimensionar a experiência do sagrado, ao se encontrarem no diálogo com as outras. Os teólogos europeus da primeira metade do século passado, católicos e evangélicos, viveram a impactante experiência de duas guerras mundiais, inclusive com um regime de caráter quase-religioso. Os modelos de relacionamento inter-religioso, gestados nesse período, dividem-se em exclusivismo, inclusivismo e pluralismo, com nomes de expressão, dos mundos católico e evangélico, para cada postura. O exclusivismo foi atenuado no Concílio Vaticano II com o surgimento do inclusivismo, a partir da influência da antropologia teológica de Karl Rahner. A experiência de diálogo entre o cristianismo e o hinduísmo mostra-se na teologia de Panikkar, especialmente no conceito de intuição cosmoteândrica. A partir desse conjunto, von Sinner distingue o diálogo em diferentes níveis e a partir de distintas perspectivas, destacando a fala na primeira pessoa, a partir da confiança em Deus, pela qual pode sentir também confiança nas outras pessoas, o outro com o qual se desenvolve o diálogo.

O último capítulo é dedicado ao Conselho Mundial de Igrejas e sua perspectiva ecumênica: essa comunhão de *igrejas que aceitam Jesus Cristo como Deus e Salvador segundo as Escrituras* e que possibilita o encontro de pessoas de fé e culturas diferentes, embora



se recuse a ser chamada de *igreja* e nem de *vaticano dos protestantes e ortodoxos*. Os vínculos estão baseados nas relações entre elas. As igrejas-membros mantêm sua própria eclesiologia, mesmo as que não reconhecem a alheia, como as igrejas ortodoxas. Por isso mesmo podem congregar igrejas de tipo sacramental, reformado, conversionista e carismático, com divergências, algumas profundas, mas sem imposições. Isso possibilita entender e aceitar no relacionamento eclesial que as igrejas são *corpus permixtum* (Agostinho de Hipona) e que a catolicidade da Igreja de Cristo transcende as fronteiras. Essa estrutura possibilita avanços, como a compreensão de que Deus é *semper maior* (Loyola) do que estruturas e conceitos humanos, que o diálogo faz avançar a perspectiva teológica dentro da própria igreja, e que é possível conviver com uma diversidade de eclesiologias.

Conclusão

A conjunção da situação de mobilidade religiosa no país, o advento do pluralismo como marca da pós-modernidade e o diálogo inter-religioso dão o pano de fundo da realidade religiosa brasileira. A primeira parte ajuda a entender como se originou a realidade que desembocou no conhecido caos urbano, influenciada pelo modelo de desenvolvimento brasileiro. Os resultados acentuam as dificuldades trazidas para o século XXI, com os efeitos para a religião.

Rompidas as hegemonias religiosas, foi estabelecida nova disputa entre as igrejas históricas, de tradição teológica e litúrgica, e a segunda geração de pentecostais, conhecidos por sua linguagem religiosa pós-moderna, mídia eletrônica e crescimento numérico, mais rápido que a mudança no perfil de ocupação do território. A mobilidade religiosa ocorre em meio a um processo intenso e desorganizado de movimentação de populações nas áreas geográficas.

Diante da nova situação, um novo dilema: dialogar com os diversos públicos emergentes desta nova configuração, como sugere Christian Duquoc¹⁶, ou recrudescer o discurso auto-afirmativo, apesar da sangria da perda de membros, acentuada enquanto se adentrava o novo século.

¹⁶ DUQUOC, Christian. *A teologia no exílio*; o desafio da sobrevivência da teologia na cultura contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2006. 101p.



A proposta do teólogo suíço, na boa tradição de mediação de conflitos, é retomar o diálogo, mas, sobretudo, desenvolver relações de confiança entre as pessoas, as igrejas e as religiões. “O diálogo se instaura quando ocorre uma atitude de abertura e escuta do outro, do diferente; quando se reconhece o outro como sujeito portador de uma liberdade e dignidade fundamentais”¹⁷.

Endereço do Autor:

R. Gal. João Severiano da Fonseca, 840 – Araés
78005-600 Cuiabá, MT
E-mail: antoniocarlosrib@gmail.com



Resumo: O autor se pergunta como encontrar um ensinamento ecumênico no ensino e na ação evangelizadora de Paulo. Mostra que para Paulo, o anúncio do kerygma não prescinde do diálogo com as culturas e os credos, e que a afirmação da identidade cristã e eclesial acontece num processo relacional com as diferentes formas de crer.

Abstract: The author intends to discover an appropriate approach to arrive at an Ecumenical treatment to be made available both for teaching and action in the light of Saint Paul's apostolate for evangelization. It shows that the message of kerygma (preaching of the Christian message) does not prescind from the dialogue with various cultures nor with different creeds. A recognition of Christian and ecclesial identity is to be obtained through growth in valuing different formulations of religious creeds and professions of faith.

O ecumenismo em Paulo

*Elias Wolff**

Artigos

¹⁷ TEIXEIRA, Faustino. O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio. *Horizonte*, 2 (3): 25, 2º sem. 2003.

* O autor é Doutor em Teologia e professor no ITESC.